

## V

Nos quatro artigos anteriores tivemos oportunidade de apreciar os seguintes pontos do livro do ilustrado prof. Ismael Gomes Braga, intitulado "ELOS DOUTRINÁRIOS", onde s. s. sustenta:

I — que a missão de Kardec foi notavelmente auxiliada pelo Sr. Roustaing, "encarregado de organizar o trabalho da fé, dando confirmação às Revelações anteriores;"

II — que a obra exclusiva da Sra. Collignon tem hoje caráter de universalidade, porque os Espíritos a confirmaram através de três médiums: Zilda Gama, América Delgado e Francisco Cândido Xavier;

III — que Allan Kardec não combateu a teoria de corpo fluídico de Jesus: apenas a pôs de quarentena; posteriormente, como espírito, a apoia;

IV — que Jesus Cristo não era homem, mas simples agênero;

VII — que "se não fosse confirmada a natureza excepcional de corpo de Jesus pelo Espiritismo, as duas Revelações anteriores teriam que cair e o Espiritismo não subsistiria;"

X — que "quem nega que Jesus tenha sido um agênero nega também a codificação kardeciana; não é espírita."

Analizando ponto por ponto a matéria contida nestas teses, deixámos claro que: I — fé é questão de foro íntimo e, pois, não pode ser organizada por terceiros; II — três médiums apenas e da mesma casa, ou submetidos às mesmas influências, não podem marcar o caráter de universalidade e, consequentemente, de veracidade, de uma afirmação; tanto mais quanto não há uma mensagem expressa, através da mediumidade de Francisco Cândido Xavier, sustentando a tese roustainguista; é sabido que a Federação Espírita Brasileira tem "colaborado" nas mensagens deste médium e à sua revelia e, até, depois de publicadas, quando feita nova edição; III — Allan Kardec e, com ele, muitos espíritas franceses, combateram tenazmente a teoria de Roustaing; citámos passagens da obra kardeciana, até mesmo em edições publicadas pela F. E. B.; negámos qualquer caráter de autenticidade a mensagens atribuídas ao Espírito de Allan Kardec, já porque tais mensagens importavam profunda modificação de conceitos em sua obra — coisa que o Espírito não fez — já porque aquele missionário não é um troca-tintas ou um salta-pocinhas que

levianamente fizesse uma afirmação não documentada, não argumentada, em contrário à sua própria obra, que é um modelo de equilíbrio, de lógica e de bom senso; IV — negámos, baseado na Bíblia e na obra kardeciana, quaisquer elementos para se afirmar que Jesus Cristo tivesse sido um agênere; V — negámos que as duas Revelações — o Velho e o Novo Testamento dependessem, para serem tomadas como legítimas, de que o Cristo tivesse tido um corpo de natureza excepcional, o que contraria as profecias do Velho Testamento e as reiteradas afirmações do Novo; VI — negámos ainda que quem nega que Jesus tivesse sido um agênere nega a codificação kardeciana e não é espírita, "pois o próprio Kardéc o negou, apesar de ser ele Codificador da Doutrina Espírita.

Como se vê mais uma vez, a obra do ilustrado professor, como aliás a de todos os roustainguistas, está inçada de contradições. Nós até o reptamos a que exibisse os artigos de Kardéc, de apoio ao roustainguismo — mas em cópia fotostática do original, única maneira aceitável, a vista de certos antecedentes.

• • •

Passemos, então, a outros itens. Vejamos hoje os seguintes:

VI — que "as três Revelações — Velho Testamento, Novo Testamento e Espiritismo — formam um todo inseparável, um conjunto único em sua essência e não se pode atacar uma parte sem abalar todo o edifício"; a obra de Roustaing é uma parte desse conjunto;

IX — que "negar fé à obra de Roustaing é minar o edifício todo, desde Moisés até os nossos dias".

A primeira parte de tese VI é justa; a parte final é falsa. E o é porque a obra de Roustaing não pode ser, a justo título, considerada como parte integrante da Doutrina: esta é cristã e a obra de Roustaing é anti-cristã; representa um transviamento, a restauração de uma heresia que já fora combatida desde o tempo dos Apóstolos, como se pode ver em inúmeras citações nas Epístolas de João, de Paulo, de Pedro; no Evangelho de João; nos Actos dos Apóstolos. Já dissemos reiteradamente que aquela obra procura abalar a solidez de um monumento monolítico, como é a Bíblia. O grande advogado deixou-se empolgar pela ideia de se notabilizar através da Doutrina Espírita. Mas o seu empolgamento não era por levar o conhecimento da Verdade um pouco mais além, como não era uma contribuição para o melhoramento da criatura humana: era fazer-se grande, célebre, mais célebre e maior que Kardéc.

Não se depreenda daí que queremos fazer do Codificador um semi-deus, nem que o tomemos como uma réplica de pretensa infalibilidade vaticânica. Mais é fora de dúvida a profunda contradição entre as duas figuras. Kardec fez obra impessoal: nada inventou; não criou uma escola — apenas reuniu uma casuística abundantíssima, de vários lugares e inúmeros médiuns, classificou os factos, analisou os fenómenos à luz de critérios científicos, fez ciência experimental e de observação. E como de toda ciência é sempre possível, *a posteriori*, tirar uma filosofia, o Espiritismo, como ciência que é, permitiu os lineamentos de uma verdadeira filosofia, tanto mais geral e profunda quanto mais é certo que os fenómenos espíritas alcançam as mais amplas e variadas manifestações da vida universal.

Não assim Roustaing.

Pretendeu, segundo o Prof. Gomes Braga, “organizar o trabalho da fé,” desorganizando, adulterando, desrespeitando o maior monumento da fé — a Bíblia. E este paradoxo foi lançado num meio culto como era o francês, e num período marcado por figuras brilhantes e excepcionais no terreno da psicologia, da filosofia, da crítica histórica, da filologia, da psiquiatria e da neurologia, cujos trabalhos eram conduzi-

dos à base da segura experimentação, do raciocínio claro, do criticismo rigoroso.

Kardec era médico, tinha cultura geral sólida, extensa e profunda. Enfrentou os seus opositores materialistas, positivistas, agnósticos, católicos, cépticos e protestantes. A todos respondeu com argumentos irrefutáveis.

E Roustaing?

Nada provou. Sua obra, desnecessariamente extensa e fatigante, poderia ser perfeitamente reduzida à quinta parte. Parece que a extensão visou apenas prender o leitor e desviar, através do cansaço, seu senso crítico. E' o tipo da obra de rábulas solertes, que visam, acima de tudo, *ganhar a questão* e para os quais todos os sofismas e embustes são bons, desde que não se vejam descobertos. Ela prima pela falta de método, pela ausência de critérios científicos. Tanto que a tradução brasileira feita pela F.E.B. procurou *tapar os buracos* e *dourar a pílula*, para o que chegou ao cúmulo de adulterar versículos da Bíblia, no vão esforço de dar uma aparência de lógica ao raciocínio canhestro.

Todos os Espíritas — kardecistas ou não — nos devemos capacitar de que o Espiritismo está chamando a atenção do mundo culto como fenômeno; estes são susceptíveis de generalizações tais que conduzam o homem à fé pela razão. Por outro lado, quanto mais as ciências progridem,

mais se confirmam os postulados da Bíblia. E ninguém, com uma dose regular de bom-senso, terá a ousadia de alterar os seus textos, torcer passagens ou adulterar velhas fontes. Excepção única: padres católicos de fala portuguesa e os roustainguistas do Brasil.

No mundo actual o cristianismo puro está chamado cada vez mais a tomar o lugar que estava ocupado pelo formalismo religioso, porque é ao cristianismo que cabe resolver os problemas humanos, em âmbito interno como em plano social. E' que, no dizer de Stanley Jones, no seu magnífico "CHRIST AND THE PRESENT WORLD ISSUES", "nós não podemos ser religiosos como seres individuais se não o formos como seres sociais, porque a vida é una. Ela é vascular: onde quer que seja cortada, sangrará". E mais adiante acrescenta: "Por isso a Igreja parece confusa e temerosa. Suas velhas razões de ser já não são adequadas. Ela terá que ser devocional num sentido mais largo, ou não o ser absolutamente. Se ela deve salvar-se da acusão de que a religião é ópio — a envenenar a criatura com a devoção e a emoção — deverá então ajustar suas devocões aos largos problemas do bem-estar humano e erigir os seus santuários no coração dos problemas humanos".

O Reverendo Stanley Jones, actualmente a mais nobre figura do protestantismo mundial, o

grande missionário da India, dá-nos, nestas poucas linhas, as tarefas da Doutrina Espírita Cristã.

Nós precisamos tudo fazer para nos tornarmos dignos depositários, ou herdeiros, dessa imensa e nobre tarefa. E só o seremos com um estricto, um absoluto apego à verdade e um inquestionável respeito ao grande livro que é a Bíblia. Essa deformação consciente da Verdade da Bíblia, ainda não recebeu dos profitentes — católicos e espíritas — a repulsa na altura, o protesto solene, público, bem calmo e bem alto, porque em geral o povo, tanto em Portugal quanto no Brasil, desconhece o grande livro fundamental de sua crença. Este abuso dos falsificadores pode dar um prestígio extenso, mas pouco profundo. Tanto isto é verdade em relação ao Espiritismo, que a F.E.B. deixa esgotadas as poucas obras científicas já traduzidas e engavetadas aquelas cujos direitos porventura tenha adquirido. Tirantes as obras de Francisco Cândido Xavier, pouco se recomenda de sua produção nos últimos vinte anos.

E' por isso que muita gente de certa cultura faz espiritismo isoladamente; por isto a F. E. B. não tem prestígio para atrair as camadas mais cultas; por isto não tolera os congressos. Seus dirigentes têm intuição de sua fraqueza e não

querem expor o flanco: maior que seu amor à doutrina é seu apego às posições.

• • •

Como prova de que a obra de Roustaing é mesmo uma das mais grossas mistificações de que já foi vítima uma sociedade, damos adiante a mensagem obtida num centro espírita no Rio de Janeiro, em 1921, do próprio Espírito de Jean Baptiste Roustaing (1). Antes, porém, seja-nos lícito prestar uma homenagem a um médium honesto: o saudoso Porfírio Bezerra Filho, fundador do Centro Espírita Cristófilos, no Rio (2).

Porfírio cegou num desastre. A dor levou-o para o Espiritismo, onde desenvolveu preciosas faculdades mediúnicas: tinha a clarividência, a clariaudiência, a incorporação total, a psicografia semi-mecânica, a inspiração ou incorporação subtil; via as auras das criaturas, como via os órgãos internos e a cor do som. Aprendeu a doutrina depois de cego, ouvindo a filha pequena ler os livros fundamentais. Era um primoroso dirigente e doutrinador.

Muito aprendemos com ele.

Em 1924 pediu que comparássemos as obras originais de Kardec com as traduções em português: tinha em suspeita estas últimas. Era, ao que percebemos, um aviso de seus guias, entre

os quais noticiámos, por vezes, Bezerra de Menezes, o Max.

Tivemos certeza e esperámos; esperámos vinte e cinco anos. Porfírio já passou para o outro plano da vida, sem que lhe tivéssemos atendido ao pedido. Fazemo-lo agora. E ele sabe com que tristeza o fazemos — mas o fazemos no cumprimento de um dever — preferindo ferir pessoas a ferir o Mestre.

Agora a mensagem. Ei-la:

### CONFISSÃO DA MISTIFICAÇÃO

por J. B. ROUSTAING

Do livro "Páginas de Além Túmulo", 3.<sup>a</sup> edição —  
Rio de Janeiro — 1939.

*Médium: Carlos Gomes dos Santos*

"GUTTA CAVAT LAPIDEM"

(Confiteor)

"Que as as harmonias espirituais se façam em nossas almas são os meus mais ardentes desejos.

"Irmãos, da mesma forma que a gota da locução consegue furar a pedra, eu, gota animada do espírito, também hei-de conseguir, por mercê de Deus, arrasar a edificação, em muitos pontos falha, que a minha fragilidade, aliada a

outros do Espaço, arquitectou, na melhor das intenções, porém sem reflexão.

“Sou, meus irmãos, uma pobre alma, que seria contada no número das que já desfrutam a felicidade integral, se em mim, na minha consciência, não pairasse um cúmulo de desgostos.

“Quando entre vós, nas mesmas condições vossas, tendo sido despertado de minha cegueira moral pelos lampejos brilhantíssimos da Luz Divina a nós ortogada por intermédio do missionário a que todos veneramos, sob a designação de Allan Kardec, quis também seguir-lhe as pisadas e, para tal o fazer, depois de acurado estudo do que ele já havia conseguido dos Espíritos reveladores, pensei alguma coisa construir que, se não o ultrapassasse, pelo menos muito concorresse para a conquista da glória, que tanto me agitava.

“Pensei — de mim para mim — por que sómente a ele fora concedida a gloriosa tarefa de rasgar ao mundo o véu negro que esconde o brilho da luz diamantina que ilumina as almas? Por que não a outro, de boa vontade, também aspirante das recompensas porvindouras?

“E nestas conjecturas caminhava eu... quando, por uma circunstância toda espiritual, fui induzido à execução do plano que em mim agasalhava. Então, comecei por realizar o meu

intuito, sim o meu intuito, que não era precisamente meu; não vos admireis desta negativa, porque vos declaro à face da verdade, que eu nada mais era, naqueles instantes, que instrumento dos inimigos invisíveis da verdade, que das sombras misteriosas do Além se aproveitavam da minha irreflexão para toldar, como se fora isto possível, a brilhantura da água cristalina que emanava daquela fonte maravilhosa de que vos falei. Sim, não vos admireis — repito — que tenha servido de veículador da confusão, eu que tanto ansiava pelo destaque entre os meus pares.

“É infelizmente esta a triste verdade que confesso neste momento, como hei confessado já noutros pontos, onde me tem permitido Deus que eu faça o meu aparecimento. Mas, irmãos, quereis ver até onde vai a minha tortura? Pois bem: em quase todos os meios onde tenho feito esta sincera confissão, tenho sido repelido por aqueles que, na melhor das intenções, porém despercebidos, vão se envenenando na fonte impura dos ensinamentos que hei deixado.

“Fui, meus irmãos, um joguete dos inimigos da Luz-verdade; pois foram eles os autores responsáveis de tudo quanto fiz, contrariando a doutrina lídima que vinha sendo ensinada por Allan Kardec.

"Mas — direis — tenho bebido, através do vosso feito, a água pura da verdade. E responder-vos-ei: Não, irmãos, a água pura que bebeis, através do estudo de minha obra, não é minha, não foi obtida por mim. Esta é dele, porque eu e os que me induziam a sémelhante atentado, quando não podíamos de todo contrariar, imitávamos, dando, todavia, ao que imitávamos, uma aparência de novidade verdadeira.

"Hoje, porém, que se me depara mais uma ocasião de falar aos homens, venho, olhos d'alma fitos do Pai Universal, dizer-vos que mal andei tentando obumbrar a Luz brilhantíssima que irradiava do farol divino que é Allan Kardec.

"Irmãos, por caridade, ouvi-me:

"A verdade está no que vos legou e não no que vos hei deixado. Lembrai-vos que há, como sempre houve, usurpadores dos alheios direitos, como das alheias glórias; e eu, confesso, fui um deles.

"Assim, amigos, desta outra face da vida, em benefício vosso e também no meu próprio, suplico-vos abandonardes a fonte má que aí deixei e voltardes para aquela, donde emana a pureza que é a verdade, esta mesma Verdade que é a Luz.

"Abri pressurosos os tesouros kardecianos e esqueceei — peço-vos, o que aí ficou do pobre e muito pobre

ROUSTAING.

"Que Deus vos esclareça para poderdes caminhar, sem maiores tropeços, em busca da felicidade eterna.

"Adeus!"

• • •

Que o leitor faça uma pausa e medite. E se, porventura, lhe restarem dúvidas quanto a sua autenticidade, examine o seu conteúdo, abstração feita de sua autoria. Entretanto, para chamar a atenção para certos ângulos da magna questão para os Espíritas Brasileiros, vão aqui algumas opiniões de figuras destacadas do Espiritismo, nacional e internacional.

"Jesus não precisava de nascer e viver só fluidicamente, porque Ele sabia, já, que a sua matéria nunca sofreria as fraquezas terrenas".

CAIBAR SCHUTEL.

"Se a França, berço da Terceira Revelação, espalhou pelo mundo inteiro as obras imortais de Allan Kardec, sepultando a outra de J. B. Ruestaing, não há motivo, no mundo novo, de ressuscitar a segunda. Nós, do Alto, atribuimos

essa tentativa à ignorância, ou à cegueira de poucos irmãos, muito longe da luz do Mestre."

JEAN MEYER (3)

"Pelo facto de que há boas criaturas que acreditam na virgem Maria e no Cristo fluídico, não se deve deduzir que semelhante comunicações do astral sejam racionais. Não tendes na Terra quase 400 milhões de católicos que baixam a cabeça ao dogma? Tudo isso, pelo contrário, prova que o vosso planeta expiatório está ainda de infância, ao ponto de imaginar que Allan Kardec possa ser superado por J. B. Ruestaing."

GABRIEL DELANNE.

Se Kardec é no espaço um astro de infinito esplendor, que eu acompanho como satélite, ainda e sempre, onde resplende o autor da "revelação das revelações"? Deviam já ter emudecido os apologistas do segundo, ofuscado pela luz do primeiro."

FLAMMARION.

"O pensamento terreno, circunscrito à célula em que vive, difere, muitas vezes, no espaço. Aqui, onde não há véus que limitam a vista, compreendemos, finalmente, a personalidade do Cristo, Sol e Dominador das trevas, sem necessi-

dade de ser discutido em várias maneiras pelos mortais.

Duas frases são suficientes para definí-lo: "O Verbo fez-se carne" e "Eu sou o filho do homem".

Nestas duas frases que abrangem maravilhosamente a trajectória de todas as criaturas, está a grandiosa, de Jesus.

Nessa verdadeira trajectória nunca ele se valerá de privilégios que desvalorizam a missão específica do Cristo, porque a grandeza do Missionário Celeste está na sua adaptação ao planeta a redimir, praticamente, como Evangelizador e Civilizador dos povos primitivos.

Disse tudo quanto Deus me permitiu afirmar do espaço, nessa hora de inúmeras provas do vosso planeta."

BEZERRA DE MENEZES.

Por fim, de uma carta do Prof. Ernesto Bozzano, datada de 18 de Fevereiro de 1939, dirigida a Rango D'Aragona:

"Voltando à figura do Cristo, que aí querem rebaixar às fantasias de um desconhecido como J. B. Ruestaing, se você leu a minha mensagem ao Congresso Espiritualista de Barcelona, constatará novamente o meu pensamento.

O maior profeta de Deus, ou o maior iniciado, que se queira chamar, Ele ficará luz e guia do nosso planeta.

Acho que os espiritualistas brasileiros, como os ingleses, se preocupam mais em conciliar as instituições "religiosas" com as convicções espirituais", o que é impossível. Entre as instruções "dogmáticas" — seja qual for o seu credo — e a "liberdade de pensamento" de um autêntico espiritualista, não podem existir acordos.

O dogmatismo nunca abjurará os seus direitos baseados sobre o princípio de autoridade; o que nunca se dará com o Espiritismo, baseado no princípio da revelação contínua.

O caso de J. B. Rouston, sob o título absoluto "A Revelação das Revelações" é, portanto, um facto "dogmático", feito e universalmente liquidado".

Parece que estes nomes despensam carta de recomendação.

\* \* \*

Como se vê, a mensagem da Rouston é a voz de uma consciência atribulada, é o grito de remorso de um Espírito que está medindo, pelo seu, o sofrimento dos que andam, através de sua obra anticeristã, a desviar criaturas; é o

brado de um Espírito cuja vaidade o arrastou, o empolgou, a ponto de falsear os ensinos evangélicos com o objectivo de tornar-se célebre. Quem acompanhou a nossa argumentação, quem leu as citações feitas dos textos bíblicos, quem leu doutrina espírita, quem conhece bem a obra kárdeca, não porá em dúvida a legitimidade desta comunicação.

Deste modo cai também a outra tese que diz

IX — que "negar fé a obra de Rouston é minar o edifício todo, desde Moisés até os nossos dias".

O fim do Espiritismo é esclarecer os indivíduos, para que cada um atinja a maioridade espiritual, marche por si mesmo, adquira energia própria, cresça e suba pelos meios que a Bíblia oferece: obediência à lei de Deus, como meio de estabelecer as condições indispensáveis para tomar a Jesus Cristo como modelo e entrar em contacto com os seres já mais evoluidos, dos planos acima do nosso. Esse modelo, pois, não pode ser o falsário, o simulador apresentado pelo Sr. Rouston. O fim do Espiritismo não é substituir dogma por dogma, padre por padre, chefe por chefe, sem oferecer às massas algo que as melhore; não é manter rebanhos ignorantes de

sua própria doutrina, a dizer *amém* aos leguleios de sacerdotes, com ou sem batina — mas seguramente sem o Evangelho e sem a Verdade.

## VI

Nos artigos anteriores, de análise do livro do ilustrado sr. Ismael Gomes Braga, intitulado “ELOS DOUTRINÁRIOS”, havíamo-nos proposto discutir os dez itens em que se podiam agrupar as mais importantes afirmações nele contidas; e o fizemos na seguinte ordem:

(a) no segundo:

— que a missão de Kardec foi notavelmente auxiliada pelo sr. Roustaing, “encarregado de organizar o trabalho da fé, dando confirmação às Revelações anteriores;”

(b) no terceiro:

— que a obra exclusiva da sra. Collignon tem hoje caráter de universalidade, porque os espíritos a confirmaram através de três médiums: Zilda Gama, Américo Delgado e Francisco Cândido Xavier;

— que Allan Kardec não combateu a teoria do corpo fluídico de Jesus, apenas a pôs de quarentena; posteriormente, como espírito a apoia;

(c) no quarto:

— que Jesus não era homem, mas um simples agênero;

(1) A mensagem foi dada espontâneamente, no Centro “Família Espírita”, Rua do Carmo 15, Rio de Janeiro e publicada num opúsculo de distribuição gratuita, pelo director — fundador daquele Centro, cujo nome citamos com muito agrado e com muita saudade — Mariano Rango D’Aragona, destacada figura de lutador espírita.

(2) Este Centro fica no Catete, à Rua Pedro Américo, n. 22.

(3) Jean Meyer foi uma notável figura do Espiritismo na França, um dos directores da Sociedade fundada por Allan Kardec; fundou o Instituto Metapsíquico Internacional, a União Espírita Francesa, a Sociedade de Estudo Metapsíquicos e a Casa dos Espíritas, além de organizações de assistência. Foi Vice-presidente do Congresso Espírita Internacional, reunido em Londres de 7 a 12 de Setembro de 1928.